



RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO ÁFRICA DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS

O Enigma da JNIM e dos grupos islamistas militantes no Sahel

POR DANIEL EIZENGA E WENDY WILLIAMS

DESTAQUES

- Embora frequentemente vista como uma entidade operacional individual, a Jama'at Nusrat al Islam Wal Muslimeen (JNIM) é, de facto, uma coligação de distintos grupos islâmicos militantes, com diferentes estruturas organizacionais, líderes e objetivos.
- Estima-se que 75 por cento dos eventos violentos atribuídos à JNIM são provavelmente levados a cabo pela Frente de Libertação Macina (FLM) no centro do Mali e norte do Burkina Faso.
- Os grupos que compõem a JNIM não gozam de amplo apoio popular. Pelo contrário, estes grupos têm cada vez mais recorrido a redes criminosas locais e, no caso da FLM, levaram a cabo ataques contra populações civis.

Eventos violentos ligados a grupos islâmicos militantes no Sahel-Burkina Faso, Mali e Níger ocidental aumentaram quase sete vezes desde 2017. Com mais de 1.000 episódios violentos relatados no ano passado, o Sahel foi a região em África onde se registou o maior aumento de atividade extremista violenta durante este período¹. Com quase 8.000 mortos, milhões de pessoas deslocadas, funcionários governamentais e líderes tradicionais visados, milhares de escolas fechadas e a atividade económica severamente cerceada, o Sahel está devastado com a crescente onda de ataques.

Estendendo-se do norte do Mali para o sudeste do Burkina Faso, eventos violentos atribuídos à Jama'at Nusrat al Islam Wal Muslimeen (JNIM) compreendem mais de 64% de todos os episódios ligados a grupos islâmicos militantes no Sahel desde 2017. A Frente de Libertação Macina (FLM) tem sido, de longe, o mais ativo dos grupos pertencentes à JNIM, operando a partir do seu reduto no centro do Mali e expandindo-se para o norte e outras partes do Burkina Faso.

A estrutura da JNIM funciona como uma associação empresarial em nome dos seus membros, dando a impressão de que é omnipresente e expandindo inexoravelmente o seu alcance. A caracterização da JNIM como uma entidade operacional única, contudo, alimenta a perceção imprecisa de uma estrutura unificada de comando e controlo. Também obscurece as realidades locais que têm alimentado a atividade militante islâmica no Sahel. Tratar a JNIM como uma organização unitária joga a favor dos insurretos, ao turvar as suas motivações e atividades e ao esconder as suas vulnerabilidades. A JNIM não tem necessariamente um único quartel-general, uma hierarquia operacional, ou um grupo de combatentes que possam ser diretamente visados pelas forças de segurança governamentais. No entanto, com quase dois terços da violência no Sahel atribuídos a esta entidade, visar a JNIM é o equivalente a praticar boxe sombra.

QUEM É A JNIM?

A coligação JNIM incluía, originalmente, quatro grupos militantes islâmicos ligados à al Qaeda no Sahel — Ansar Dine, FLM, al

Mourabitoun e o Emirado do Saara da al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM Sahara). A composição dos grupos é digna de nota na medida em que os respetivos líderes representavam os Tuaregues, os Fulani e os jihadistas Árabes do Sahel e do Magrebe. Esta amplitude de representação étnica e geográfica criou a ilusão de um grupo unido com influência crescente. Na realidade, cada um destes grupos constituintes possuem dinâmicas de interesses, influência territorial e motivações próprias². Atualmente, a JNIM é, efetivamente, representada por líderes de apenas dois dos grupos originais – Iyad Ag Ghali do Ansar Dine e Amadou Koufa da FLM – e um ramo menos ativo da FLM, Katiba Serma, liderado por Abu Jalil al Fulani.

Iyad Ag Ghali, o fundador do Ansar Dine, é considerado o líder, ou emir, da JNIM. Fundou o Ansar Dine em 2011 quando o Movimento Nacional para a Libertação de Azawad (MNLA), um movimento separatista tuaregue baseado no norte do Mali, se recusou a nomeá-lo seu chefe. Ag Ghali, um Ifoghas Kel Adagh Tuareg, é oriundo da Região Kidal do norte do Mali, de onde participou nas rebeliões dos Tuaregues a partir dos anos 90. Como líder do Ansar Dine, formou uma aliança com a AQIM e a MNLA em 2012, proclamando o norte do Mali como um Estado islâmico em maio do mesmo ano. Em Julho de 2012, Ansar Dine e AQIM Sahara tinham posto de lado os separatistas tuaregues, assumindo o controlo de Kidal e Timbuktu, respetivamente.

Durante a maior parte de 2012, os grupos islâmicos militantes ocuparam o norte do Mali antes de avançarem para sul, em direção às regiões centrais mais populosas. A pedido do governo do Mali, uma intervenção militar Francesa e Africana (Operação Serval), lançada em Janeiro de 2013, conseguiu dispersar os militantes para fora das zonas populacionais, onde se refugiaram no vasto terreno acidentado do norte do Mali. Ag Ghali tem, desde então, utilizado os combatentes de Ansar Dine para estabelecer um enclave de influência política no norte do Mali e entre os seus vários grupos armados.

Amadou Koufa lutou originalmente dentro das fileiras de Ansar Dine em 2012 e 2013. Após a dispersão de Ansar Dine no seguimento da Operação Serval, Koufa começou a pregar o extremismo em todo o Mali central. Nascido em Niafunké, Mali, e membro da comunidade Fulani, acredita-se que Koufa tenha sido radicalizado através de contactos com pregadores Paquistaneses da seita Dawa nos anos 2000³. Para reunir apoios, Koufa aproveitou as queixas locais alimentadas pelos pastores Fulani, ao mesmo tempo que apelava ao estabelecimento de

uma teocracia islâmica. Em 2015, com a ajuda de familiares locais, Koufa tinha estabelecido com sucesso um conjunto de seguidores no Mali central.

Como líder da FLM, Amadou Koufa empreendeu a insurreição mais mortífera do que qualquer outro grupo da JNIM, tentando derrubar as autoridades tradicionais existentes e promulgar a sua visão da Sharia sobre o Mali central. As atividades e influência da FLM estenderam-se ao norte do Burkina Faso através de ligações com o Islão de Ansaroul, um grupo militante islâmico de Burkinabè iniciado por um dos protegidos de Koufa, Ibrahim Dicko.

Na sequência da morte de Dicko em 2017, grupos de combatentes islâmicos militantes espalharam as suas operações ao longo da fronteira do Burkina Faso-Níger, explorando as redes criminosas existentes. Outros grupos remanescentes do Islão de Ansaroul reintegraram-se na FLM à medida que esta se afastava do centro do Mali para o norte e centro-norte de Burkina Faso. Com táticas cada vez mais violentas, a FLM tem feito rápidos progressos nestas áreas mais densamente povoadas, tirando partido de uma reserva maior para recrutamento e geração de receitas.

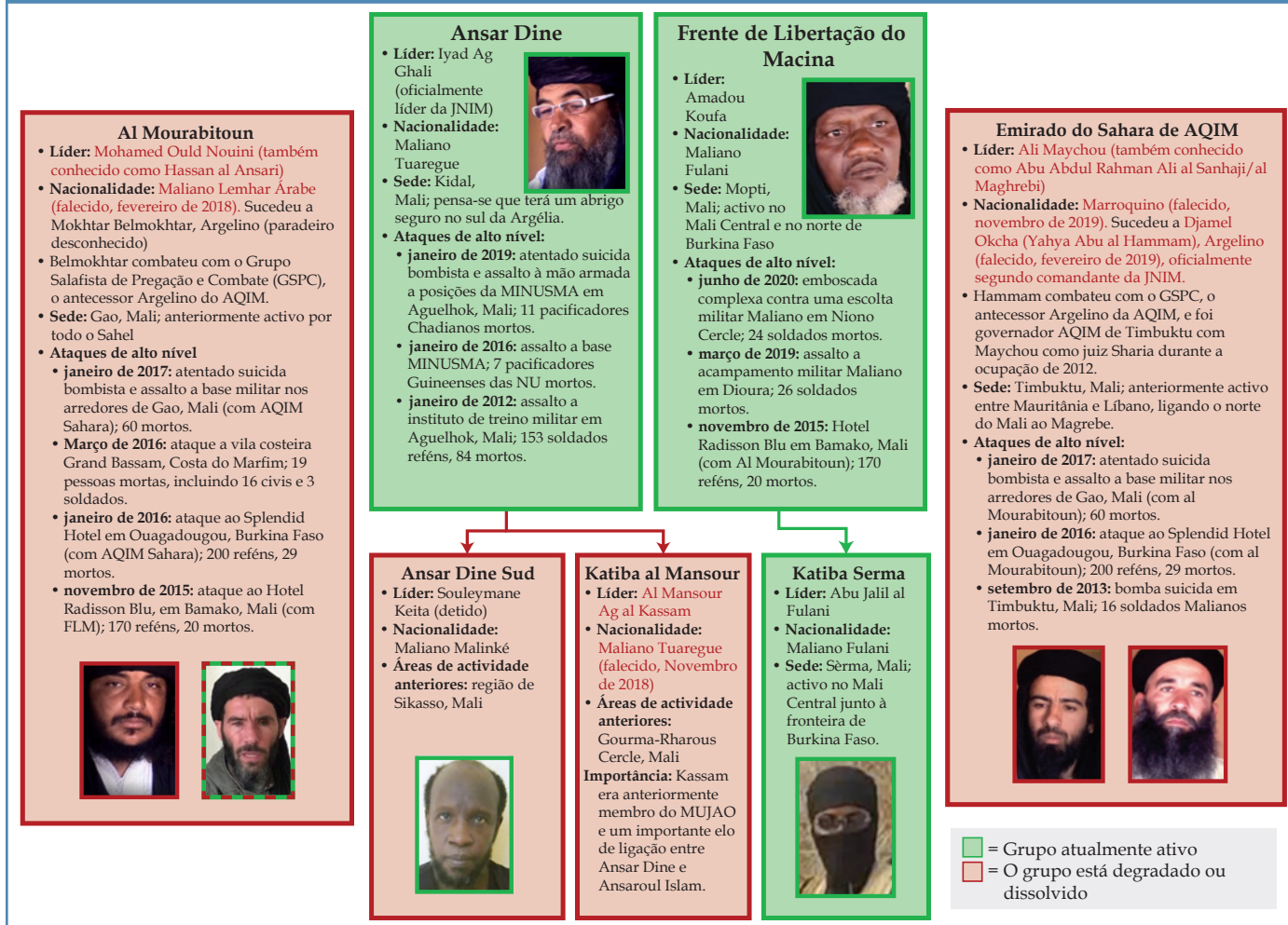
Os peritos acreditam que os grupos filiados na JNIM ganham, conjuntamente, entre 18 e 35 milhões de dólares por ano, principalmente através da prática de extorsão nas rotas de trânsito sob o seu controlo, em comunidades envolvidas na mineração artesanal e, em menor escala, de sequestros para obtenção de resgates⁴.

Apesar de a JNIM estar ligada à AQIM, a AQIM nunca desenvolveu uma base significativa de apoio local no Sahel. Além disso, a sua influência regional, mesmo na Argélia onde emergiu pela primeira vez, está a diminuir⁵. As mortes dos líderes da al Qaeda Abdekmalek Droukdel (AQIM), Djamel Okcha e Ali Maychou (AQIM Sahara) e Mohamed Ould Nouini (al Mourabitoun), provavelmente aceleraram a erosão

Dr. Daniel Eizenga é Bolseiro de Investigação no Centro África de Estudos Estratégicos.

Wendy Williams é uma Investigadora Associada no Centro África de Estudos Estratégicos.

FIGURA 1. REDE JAMA'AT NUSTAT AL ISLAM WAL MUSLIMEEN



Créditos das fotografias (no sentido horário a partir do canto superior esquerdo): Iyad Ag Ghali, Amadou Koufa, Djamel Okcha, Ali Maychou (imagem de vídeo JNIM via SITE Intelligence), Abu Jalil al Fulani (Menastream), Souleymane Keita (foto policial via AFP.com-STR), Mokhtar Belmokhtar (imagem de vídeo via CNN), Mohamed Ould Nouini (imagem de vídeo JNIM via SITE Intelligence).

de qualquer influência direta que a rede global da al Qaeda pudesse reivindicar sobre os combatentes filiados na JNIM. A ambiguidade sobre o estatuto atual da AQIM Sahara e al Mourabitoun, entretanto, releva uma função chave da JNIM. Ao apresentar uma frente unida, a coligação JNIM obscurece os muitos infortúnios que cada um destes grupos experimentou, proporcionando a ilusão de coesão, comando e controlo, assim como invulnerabilidade.

Esta ilusão tem sido impulsionada pela quase duplicação de atividades violentas e fatalidades associadas no Sahel todos os anos desde 2016. Isto, no entanto, é quase exclusivamente resultado da FLM. A afiliação da FLM à coligação JNIM mascara o seu perfil ascendente e reduz a atenção que as forças internacionais e regionais prestam ao grupo.

OBJETIVOS, TÁTICAS E TERRITÓRIOS DIFERENTES

Embora a JNIM se apresente como uma frente unida para a jihad salafista no Sahel, existem quatro áreas distintas de operação, impulsionadas por dinâmicas locais, moldando as ações dos grupos integrantes da JNIM.

Norte do Mali. Desde a sua criação, o Ansar Dine tem competido com outros grupos separatistas tuaregues para se tornar um jogador-chave no norte do Mali e no sul da Argélia. Ag Ghali provou ser um ator político hábil no norte do Mali, mantendo ligações com líderes seculares na comunidade tuaregue e utilizando essas ligações para manter a sua própria segurança, bem como a sua influência política.

Embora Ag Ghali e Ansar Dine possam não estar diretamente envolvidas no tráfico de droga ou contrabando ilícito, sabe-se, comprovadamente, que fazem extorsão aos membros de redes transnacionais de crime organizado no norte do Mali, tributando as rotas de que os traficantes de droga dependem para transportar os seus produtos⁶.

A história da colaboração de Ag Ghali com a liderança da AQIM Sahara e al Mourabitoun ligou-o a redes que abrangem todo o Sahel e Magrebe. Menos implantados localmente, a AQIM Sahara e al Mourabitoun forneceram o acesso a operações de contrabando bem estabelecidas nestas regiões, gerando receitas significativas para as suas organizações. Na sequência da morte dos líderes da AQIM Sahara e de al Mourabitoun, estas operações foram provavelmente assumidas por Ansar Dine, reforçando ainda mais a influência de Ag Ghali no norte do Mali.

Mali Central e Norte do Burkina Faso. Amadou Koufa, FLM, e os seus afiliados (incluindo Katiba Serma) promoveram o extremismo violento para alimentar tensões inter e intra-comunais na sociedade Maliana. A Frente de Libertação Macina é uma referência direta ao reino Fulani Macina do século XIX que cobria aproximadamente uma área desde o Mali central até ao norte do Burkina Faso. Embora os Fulani constituam um número desproporcionado de combatentes islâmicos militantes no Sahel, a FLM não é um grupo exclusivamente Fulani⁷. Nem a maioria dos Fulani adere aos pontos de vista de Koufa. No entanto, a perceção da FLM como um grupo Fulani alimentou a estigmatização e represálias de base étnica, que Koufa explorou para o recrutamento.

Mais de três quartos dos eventos violentos e fatalidades associadas atribuídos à JNIM tiveram lugar em áreas dominadas pela FLM

O ataque de Koufa aos líderes tradicionais teve lugar sob o disfarce da sua autoridade religiosa como imã. A FLM impôs uma versão dura da Sharia para resolver litígios, instituiu um novo imposto (zakat) e impôs regras de comportamento rigorosas (especialmente às mulheres) em várias dezenas de aldeias no centro do Mali. Em muitas destas áreas, os militantes da FLM afastaram efetivamente as autoridades Malianas, permitindo-lhes coagir as comunidades sob a sua forma opressiva de lei islâmica. A FLM tem seguido um modus operandi semelhante em todo o norte do Burkina Faso.

Nos últimos anos, mais de três quartos dos eventos violentos e fatalidades associadas atribuídos à JNIM ocorreram em áreas dominadas pela FLM. A FLM também tem visado os civis mais do que qualquer outro grupo JNIM. Para cada oito eventos militantes ligados à JNIM que visaram populações civis, sete tiveram lugar no centro do Mali e no norte do Burkina Faso. À medida que a influência da FLM nestas áreas se expandia de 2018 para 2020, os combatentes de Koufa visavam civis aproximadamente um em cada três dos seus ataques.

Os combatentes de Koufa visaram civis em cerca de um em cada três dos seus ataques

A aliança de Koufa e Ag Ghali fez avançar as ambições individuais de ambos os líderes e ajudou a evitar conflitos entre os dois grupos, delineando eficazmente as suas áreas de influência e comunidades de interesse. Os objetivos e métodos dos dois grupos são, no entanto, diferentes. Embora os objetivos de Ag Ghali pareçam primariamente políticos, os objetivos de Koufa estão claramente ligados à promulgação violenta da sua interpretação do Islão e, através dela, à mudança social. De facto, membros da FLM mataram publicamente imãs locais e líderes tradicionais no centro do Mali e no norte do Burkina Faso que discordaram das crenças de Koufa, algo que tem sido muito menos comum no enclave de Ansar Dine. No norte do Mali, os civis foram visados em menos de 2% dos eventos atribuídos aos grupos membros da JNIM.

Leste de Burkina Faso e fronteiras do Níger. A partir de 2019, houve uma onda de atividade violenta atribuída à JNIM no Burkina Faso oriental ao longo da fronteira com o Níger, acabando por se estender a zonas próximas das fronteiras com o Benim e o Togo. Estes ataques estão fora das áreas históricas de operação da FLM ou da Ansar Dine e não é claro quais são os grupos que são responsáveis. Em vez de terem motivações ideológicas ou políticas, estes eventos parecem visar o controlo da exploração artesanal do ouro e das rotas comerciais. Estas receitas representam uma fonte de rendimento potencialmente lucrativa. Estima-se que as explorações artesanais em áreas afetadas pela violência islâmica militante têm a capacidade de produzir mais de 725 kg de ouro, avaliados em 34 milhões de dólares, por ano⁸. Para além disso, a expansão dos espaços de conservação da natureza e as reservas naturais nesta área, fornecem cobertura a grupos islâmicos militantes que procuram evitar a sua deteção. Estas ligações a grupos criminosos, de contrabando

FIGURA 2. EVENTOS VIOLENTOS ASSOCIADOS A GRUPOS CONSTITUINTES, 2015-2019

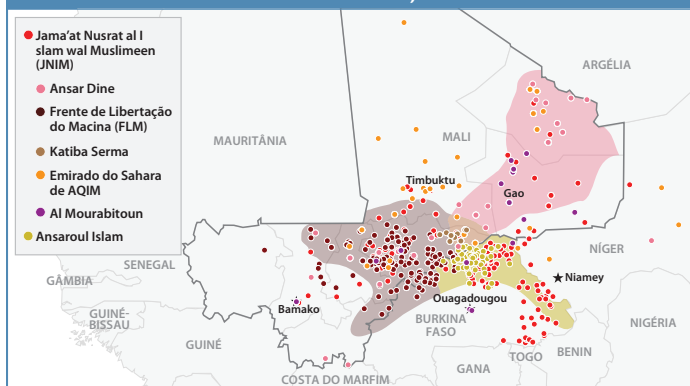
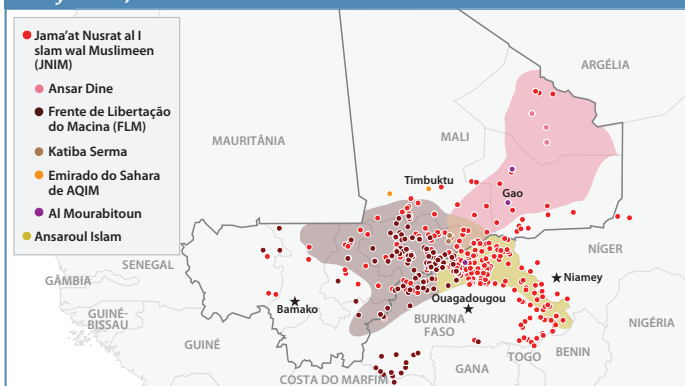


FIGURA 3. EVENTOS VIOLENTOS ASSOCIADOS À JNIM, 2020



As faixas sombreadas mostram áreas históricas de influência para Ansar Dine, Ansaroul Islam, FLM, e Katiba Serma

Nota: Os pontos de dados representam eventos violentos envolvendo os grupos designados de 2015 até 30 de setembro de 2020. As áreas de influência são ilustrativas e não devem ser interpretadas como delimitações precisas ou constantes.

Fonte de dados: Armed Conflict Location & Event Data Project.

e de caça furtiva nesta zona fronteiriça têm aumentado a reputação da JNIM como uma ameaça à segurança em constante expansão.

Sudoeste do Burkina Faso. A zona de fronteira tripla entre o Burkina Faso, o Mali e a Costa do Marfim é caracterizada pelo contrabando ilícito e pelo tráfico de armas ligeiras que acompanham as mercadorias transportadas através da Costa do Marfim para polos comerciais no Mali e no Burkina Faso. Esta área está também a tornar-se num novo núcleo de mineração artesanal de ouro. Uma série de ataques FLM com início em 2020, combinados com as perspectivas de exploração de ouro, aumentaram o risco de insegurança nesta região⁹. Tal como no Burkina Faso oriental, os combatentes da FLM podem estar a tentar estabelecer uma presença no sudoeste do Burkina Faso para capturar alguns dos fundos ilícitos gerados por estas atividades.

PONTOS FORTES DA ESTRUTURA JNIM

A estrutura de coligação da JNIM proporciona-lhe uma série de vantagens. Estas giram principalmente em torno da sua ambiguidade. O fracasso em desagregar a JNIM e analisar as suas várias entidades, os seus objetivos e as suas funções no seio alargado da coligação conduz a percepções erradas sobre a sua força organizacional, capacidade e apoio local. Também subvaloriza as potenciais vulnerabilidades de cada uma das insurreições.

O fracasso em designar ataques para além de uma entidade genérica da JNIM reduz o perfil internacional e regional de cada grupo. Esta ambiguidade reduz o escrutínio dado a cada grupo constituinte, tornando mais difícil o rastreio de operações e métodos de grupos específicos. Isto, por sua vez, inibe uma resposta direcionada para confrontar cada membro da JNIM. Ao tratar todos os incidentes como sendo resultado da atividade de uma única estrutura organizacional, tem resultado na utilização de respostas musculadas por parte das forças de segurança o que, por vezes, piorou as relações entre as comunidades e o sector da segurança, redundando isto em benefício dos grupos da JNIM.

Apresentar a JNIM como um ator singular que opera em toda a região — e apontar para um fluxo constante de eventos violentos relatados como prova — promove uma perceção da atividade, apoio e influência que excede em muito a posição real da JNIM. A maioria dos eventos atribuídos à JNIM não são reclamados, o que torna mais difícil atribuir a responsabilidade dos ataques a grupos específicos e, portanto, responder adequadamente. De facto, como mostram as Figuras 2 e 3, as atividades violentas atribuídas à JNIM refletem, em grande parte, as áreas históricas de influência dos seus grupos componentes. Isto indica um elevado grau de consistência e que a expansão percebida como sendo da JNIM é, na verdade a dos grupos que a compõem.

A noção de uma JNIM uniforme, do mesmo modo, disfarça a agitação dos líderes e combatentes pertencentes a cada uma

das suas componentes. Por exemplo, na sequência da morte dos líderes de al Mourabitoun e AQIM Sahara, nenhuma nova liderança identificável deu um passo em frente. Da mesma forma, não é claro o que aconteceu aos combatentes de base. Podem ter sido integrados noutros contingentes islâmicos militantes da região – ou podem simplesmente ter-se misturado com as comunidades locais. Dada a extensa ligação a organizações criminosas em todo o Sahel, poderiam também ter-se juntado às redes do crime organizado transnacional no norte do Mali ou ao contrabando e à exploração artesanal do ouro no Burkina Faso. Consequentemente, não obstante a al Mourabitoun e a AQIM Sahara puderem agora estar seriamente degradados ou mesmo moribundos, a ambiguidade da estrutura da JNIM mascara os seus reveses e torna mais difícil a campanha para os combater.

PONTOS FRACOS DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA JNIM

Embora Ag Ghali e Koufa sejam as únicas figuras da coligação, não é claro que poder de influência cada um exerce sobre os diferentes elementos da JNIM dispersos pela região. Também é provável que não consigam impedir que bandos de insurgentes se tornem criminosos ou mesmo que desertem para grupos concorrentes.

A FLM tem sido responsável por 78 por cento dos ataques de grupos islâmicos militantes contra civis atribuídos à JNIM

A FLM, por exemplo, tem sofrido de discórdias internas acerca da capacidade dos combatentes em cobrar impostos sobre as terras de pastagem e em distribuir os bens saqueados¹⁰. Os combatentes frequentemente desertam, realinham-se, ou atacam por conta própria quando estão em desacordo com os seus líderes, contribuindo para uma troca fluida de combatentes entre grupos islâmicos militantes e outros grupos armados que operam numa região mais vasta¹¹.

Provavelmente, a estrutura JNIM mascara, também, tensões entre Ansar Dine e a FLM. A brutalidade com que a FLM coagiu as comunidades do centro do Mali e do norte do Burkina Faso sugere um compromisso em forçar estas comunidades à versão extremista do Islão de Koufa. Isto pode acabar por colocá-lo contra um Ag Ghali mais pragmático, que parece satisfeito com o aumento da sua influência sobre o norte do Mali, tal como demonstrado pela sua troca de quatro reféns estrangeiros em

2020 pela libertação de cerca de 200 prisioneiros. À medida que Koufa procura expandir o teatro das operações da FLM, ele pode desejar separar-se dos contingentes ideologicamente menos motivados da JNIM. Até agora, a estrutura de coligação tem ajudado a aliviar tensões, mas parece provável que as rivalidades entre os líderes e os seus apoiantes cresçam.

As tensões e lutas internas entre grupos militantes islâmicos não são novidade em todo o Sahel e definiram historicamente grande parte das suas atividades. Os conflitos sobre território e recursos podem ter reacendido tensões entre os grupos JNIM e o Estado Islâmico no Grande Sahara (ISGS), que também opera na região, apesar das suas origens comuns e da história recente de combates lado a lado¹². Relatos de potenciais negociações entre Ag Ghali e o governo do Mali podem ter deteriorado ainda mais as relações com o ISGS. Negociações adicionais com o governo podem também isolar Ag Ghali de jihadistas ideologicamente mais motivados dentro das fileiras da JNIM¹³.

Para se sustentarem, as insurreições precisam de um certo grau de apoio popular. O facto de a percentagem crescente de ataques contra civis ter aumentado à medida que a FLM tem expandido o seu alcance a partir do Mali central, sugere uma falta de tal apoio. Desde outubro de 2018, a FLM tem sido responsável por 78 por cento dos ataques de grupos islâmicos militantes contra civis atribuídos à JNIM. Isto representa um forte contraste com os outros grupos da JNIM e as suas áreas de operações, sugerindo uma resistência popular contínua no centro do Mali e no norte do Burkina Faso¹⁴.

RECOMENDAÇÕES

A onda de violência dos grupos militantes islâmicos no Sahel alarmou as comunidades e os governos de toda a região. Grupos alinhados com a JNIM, principalmente a FLM e a Ansar Dine, estão ligados à maior parte desta violência. Os agentes de segurança precisam de resistir à imagem da JNIM como uma entidade única e empreender o difícil trabalho analítico de desconstruir a JNIM nas suas partes integrantes para contrariar as suas ações desestabilizadoras.

Parar de tratar a JNIM como uma entidade operacional individual. Lidar com uma coligação de insurretos requer uma abordagem a vários níveis. É importante identificar e isolar os principais grupos operacionais contra os quais podem ser tomadas medidas para degradar a coligação JNIM. Isto significa principalmente deixar transparecer ou revelar o perfil da FLM

e da Ansar Dine. Exige também uma melhor identificação dos elementos que operam no Norte e Leste do Burkina Faso. Isto exigirá uma melhoria na recolha e partilha de informações pelos governos da região para gerar conhecimento, análise e formação sobre onde e como operam os diferentes grupos componentes. Escrutinar e visar entidades distintas revela um inimigo mais tangível, expondo as suas diferenças e fraquezas. Fazê-lo também pode desmistificar a JNIM e exibir a falta de apoio local que os grupos constituintes têm.

Reforçar as operações de contrainsurgência no Centro do Mali e no Norte do Burkina Faso. Visar a FLM exigirá táticas de contrainsurgência mais robustas. A manutenção de uma presença de segurança em locais chave, para exercer pressão sobre os combatentes da FLM e para perturbar a sua capacidade de circular livremente entre o centro do Mali e o norte do Burkina Faso, irá pressionar a sua capacidade de organizar e lançar ataques¹⁵. De forma semelhante, as ações para contrariar os esforços da FLM para se expandir para o sudoeste do Burkina Faso devem ter como objetivo eliminar combatentes nesta área da base de operações da FLM no centro do Mali. Como este parece ser um teatro de operações relativamente novo para as atividades da FLM, os combatentes no sudoeste do Burkina Faso têm poucas probabilidades de serem autossustentáveis. Assim, visar estes grupos e os seus movimentos e ligações a Koufa pode revelar-se particularmente desestabilizador.

Visar redes ilícitas aliadas com Ansar Dine. Ansar Dine e Ag Ghali estão bem entrincheirados na política do norte do Mali e nos seus diferentes grupos armados separatistas. Para além das operações de contrainsurgência, os esforços de aplicação da lei, que visam as redes ilícitas que Ansar Dine suporta, perturbariam as operações de Ag Ghali. Se os contrabandistas e as autoridades locais aliadas a Ansar Dine determinarem que a sua colaboração traz um maior grau de escrutínio e probabilidade de detenção, então Ag Ghali pode perder o poder político que procurou cultivar. Enfraquecer a posição política de Ag Ghali, bem como privá-lo das suas fontes de financiamento e aliados, pode ajudar a acelerar o desmantelamento do Ansar Dine.

Proteger as comunidades contestadas. As forças de contrainsurgência devem reconhecer que a grande maioria das populações locais rejeitam e temem os grupos militantes islâmicos filiados na JNIM, especialmente a FLM, e que estas comunidades desejam ajuda e apoio das forças de segurança. Os representantes governamentais e as forças de segurança

devem dar destaque ao desenvolvimento de relações fortes com as comunidades locais nas áreas afetadas. Isto exigirá uma resposta seletiva, para não prejudicar as relações entre as forças de segurança e as comunidades locais. A métrica não deve ser o número de militantes mortos, mas sim o nível de presença governamental que pode ser mantida nestas comunidades.

Trabalhar ao lado dos líderes comunitários e da sociedade civil na elaboração de planos para proteger as comunidades ajudará a desfazer os esforços da FLM e dos seus grupos afiliados para intimidar as comunidades através da violência contra os civis. Isto exigirá uma maior e contínua segurança para essas comunidades em áreas disputadas. Também exige que os líderes locais recebam proteção, uma vez que são mais suscetíveis de serem alvo de grupos islâmicos militantes se forem vistos como estando a colaborar com o governo¹⁶. As vezes dos líderes comunitários não violentos que resistem à intimidação de grupos islâmicos militantes exigem amplificação e proteção.

Noutros contextos, as comunidades podem precisar que lhes seja assegurado de que, depois de serem forçadas a trabalhar com grupos islâmicos militantes, não terão de enfrentar uma resposta pesada por parte das forças de segurança. As comunidades envolvidas na exploração mineira artesanal ou que se situem ao longo de rotas populares de contrabando podem ficar desconfiadas com a presença crescente de forças de segurança. Consequentemente, os governos nacionais e locais devem conceber programas e políticas que ajudem a legitimar as economias destas comunidades. A colaboração estreita com os líderes locais para melhor regular a mineração artesanal e o transporte ajudará a restaurar a segurança e a proteção dos cidadãos comuns. A segurança, por sua vez, irá expandir as oportunidades económicas para estas comunidades. Esta abordagem também perturbará a capacidade dos grupos islâmicos militantes de captar receitas de atividades ilícitas sem perturbar seriamente as economias locais.

Continuar a perseguir acordos políticos. Ag Ghali e Koufa terão iniciado negociações com o governo do Mali e, por vezes, com as autoridades locais, demonstrando no mínimo a vontade de considerar uma cessação dos combates. Muitas vezes, as suas exigências são inconcebíveis, tais como a retirada total das tropas Francesas da região ou a promulgação pública de uma interpretação extrema da Sharia. No entanto, a continuação deste diálogo é valiosa para explorar as vias políticas para a resolução do conflito.

As negociações também exigem que os respectivos líderes tomem posições sobre questões-chave. Isto é importante para compreender os objetivos dos líderes, bem como para educar o público sobre o que está em jogo no conflito. O diálogo pode também revelar diferenças fundamentais entre as várias facções de grupos islâmicos militantes. As disparidades entre os objetivos de Ag Ghali e Koufa, tais como a forma de interpretar e implementar a Sharia, podem enfraquecer ainda mais a coesão da sua coligação. A vontade de Ag Ghali e Koufa de se envolverem em acordos com as autoridades nacionais pode também dividir os combatentes que procuram um acordo político das facções inflexíveis dentro das suas fileiras.

Conceber políticas de reintegração para os combatentes de baixo escalão. Os governos nacionais e locais podem capitalizar as tensões internas e a constante agitação dos comandantes, fornecendo vias claras de saída dos grupos militantes islâmicos para os seus combatentes. Os combatentes de nível inferior têm diferentes níveis de comprometimento. Ao dialogar com comandantes de nível médio e inferior, os governos nacionais e locais podem eliminar as motivações destes combatentes e abrir oportunidades para o desarmamento, o que iria corroer ainda mais um ativo essencial que perpetua a FLM e a Ansar Dine.

As políticas de reintegração devem visar estes combatentes de nível inferior. Isto exigirá mecanismos reforçados para encorajar as deserções, ao mesmo tempo que se transmitem mensagens de governos e líderes locais de que estes combatentes têm outras opções. A experiência de outros contextos de reintegração salientou a importância de se trabalhar com as comunidades para facilitar esta transição, para que os combatentes não regressem às suas redes jihadistas. Sendo provável que estes combatentes se conheçam uns aos outros, as motivações de Ag Ghali ou Koufa podem não interessar tanto aos combatentes como as suas ligações e oportunidades pessoais. Os programas de amnistia e reintegração desempenharam um papel significativo no enfraquecimento do Grupo Salafista para a Pregação e Combate à Insurreição na Argélia e políticas semelhantes debilitaram as insurreições islâmicas militantes noutros locais. Se os governos nacionais puderem oferecer garantias de segurança e eventualmente oportunidades, para além de serem mais uma arma contratada, isso pode persuadir os combatentes de nível inferior a renderem-se também no Sahel.

NOTAS

- ¹ Todos os dados sobre eventos violentos e fatalidades atribuídos aos grupos componentes da JNIM provêm da base de dados de the Armed Conflict Location & Event Data Project.
- ² Alex Thurston, *Jihadists of North Africa and the Sahel: Local Politics and Rebel Groups* (Cambridge: Cambridge University Press, 2020).
- ³ Pauline Le Roux, “Confronting Central Mali’s Extremist Threat,” *Spotlight*, Centro África de Estudos Estratégicos, 22 de fevereiro de 2019.
- ⁴ Christian Nellemann, R. Henriksen, Riccardo Pravettoni, D. Stewart, M. Kotsovou, M.A.J. Schlingemann, Mark Shaw, e Tuesday Reitano, eds., “World Atlas of Illicit Flows: A RHIPTO-INTERPOL-GI Assessment” (Oslo: RHIPTO Norwegian Center for Global Analyses, 2018), 8.
- ⁵ Geoff D. Porter, “AQIM Pleads for Relevance in Algeria,” *CTC Sentinel* 12, n.º 3 (West Point: Combating Terrorism Center, 2019).
- ⁶ Peter Tinti, “Drug Trafficking in Northern Mali: A Tenuous Criminal Equilibrium,” *ENACT Research Paper* N.º 14, setembro de 2020.
- ⁷ Modibo Ghaly Cissé, “Understanding Fulani Perspectives on the Sahel Crisis,” *Spotlight*, Centro África de Estudos Estratégicos, 22 de abril de 2020.
- ⁸ David Lewis e Ryan McNeil, “How Jihadists Struck Gold in Africa’s Sahel,” *Reuters*, 22 de novembro de 2019.
- ⁹ Roberto Sollazzo e Matthias Nowak, “Tri-Border Transit: Trafficking and Smuggling in the Burkina Faso-Côte d’Ivoire-Mali Region,” *Security Assessment in North Africa*, Small Arms Survey, outubro de 2020.
- ¹⁰ Héri Nsaibia e Caleb Weiss, “The End of the Sahelian Anomaly: How the Global Conflict between the Islamic State and al-Qa’ida Finally Came to West Africa,” *CTC Sentinel* 13, n.º 7 (West Point: Combating Terrorism Center, 2020), 11.
- ¹¹ Andrew Lebovich, “Mapping Armed Groups in Mali and in the Sahel,” Conselho Europeu de Relações Externas (2019).
- ¹² Pauline Le Roux, “Exploiting Borders in the Sahel: The Islamic State in the Greater Sahara,” *Spotlight*, Centro África de Estudos Estratégicos, 10 de junho de 2019.
- ¹³ Alex Thurston, “Political Settlements with Jihadists in Algeria and the Sahel,” *West African Papers* No. 18 (Paris: OECD Publishing, 2018).
- ¹⁴ Anouar Boukhars, “The Logic of Violence in Africa’s Extremist Insurgencies,” *Perspectives on Terrorism* 14, n.º 5 (2020).
- ¹⁵ Pauline Le Roux, “A resposta ao aumento do extremismo violento no Sahel,” *Resumo de Segurança em África* N.º 36 (Washington, DC: Centro África de Estudos Estratégicos, 2019).
- ¹⁶ Fransje Molenaar, Jonathan Tossell, Anna Schmauder, Rahmane Idrissa, e Rida Lyammouri, “The Status Quo Defied: The Legitimacy of Traditional Authorities in Areas of Limited Statehood in Mali, Niger and Libya,” *CRU Report* (Haia: Instituto Holandês de Relações Internacionais Clingendael, 2019).



Kate Almquist Knopf, Diretora
National Defense University
Fort Lesley J. McNair
Washington, DC 20319-5066
+ 1 202 685-7300
www.africacenter.org

O Centro África de Estudos Estratégicos é uma organização académica estabelecida pelo Departamento de Defesa que serve como um fórum objetivo para pesquisa, programas académicos e troca de ideias. As séries de Resumo de Segurança em África apresenta pesquisas e análises com o objetivo de promover a compreensão sobre as questões de segurança na África. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Centro.